

banca da esquina do seu edifício, não é que não doa, dói, sim, dói um bocadinho, preferia talvez que não fosse assim mas de outra maneira, embora não sinta inveja nenhuma daquelas mulheres saudáveis e bem vestidas que vê nos fins de semana almoçando com as crianças/ o marido nas churrascarias de Ipanema e Leblon, para onde às vezes a levava o Sujeito Casado, as prósperas famílias da Zona Sul, que tédio! (por que será que não daria pé, para ela, um esquema assim, mesmo que pintasse?), mas não é heroína coisa nenhuma, como parecem pensar algumas de suas amigas lá da cidadezinha, nem mesmo para ser franca, chegou a escolher de verdade, e podem perguntar o que lucra com tudo isso, não saberia responder, o porteiro sorri à sua chegada, são cúmplices, nada parecido com a felicidade, mas uma coisa muito sua, pelo menos deve existir aí alguma vantagem e, seja como for, não saberia viver de outra maneira — só que, ao abrir a porta do apartamento, ah, sente um calafrio de desgosto/medo, tudo tão sujo e solitário e cinzento!, portanto decide (depois de bater a porta, tirar a roupa e tornar a se estirar na cama) que vai fazer toda força (tem de dar certo) para arranjar aquele emprego em Paris, o Amigo Francês escreveu a resenha de uma fotógrafa, faz sentido, não?, sim, parece fazer sentido, então puxa a colcha, encolhe-se lá embaixo, é quente como um útero — pode suicidar-se em seguida, não seria difícil abrindo o gás do banheiro e deixando a água correr, iria pegando no sono, devagar — mas logo faz um esforço e pensa que vai passar, que vai passar, que vai passar.

## MORTOS OS PAIS

DE REPENTE, AÍ ESTÁ DIANTE da Mãe e do Pai mortos, dois corpos estendidos dentro de esquifes singelos, de madeira escura, os rostos pálidos e inesperadamente inocentes, entre as flores. Como se nunca tivessem tratado com ela aquela longa batalha, a Mãe que tanto se esforçou para enquadrá-la em seus moldes (as prendas domésticas a adquirir, o bom marido rico a conquistar), o pai que a assustou/agrediu com seu exagerado sofrimento, suas ironias, a violência verbal ou uma ocasional ternura viscosa (*as pontas dos dedos* agora reunidas num gesto de prece, imóveis mãos de morto, apaziguadas).

“Que coisa brutal, um acidente terrível!” “Vinham de Teresópolis, não foi? Sei que tinham um apartamento lá.” “Quem estava dirigindo? Dirigir em estrada é mesmo um perigo!” Frases abafadas de espanto/lástima, são uns vagos amigos da família que não via há muitos anos e no entanto reapareceram, convocados pela notícia publicada entre tarjas negras no jornal da manhã. Quase todos vindos do interior, agora relembram: “os bons tempos lá da Cidade”, quando o Pai era Grande Fazendeiro/ Advogado e a Mãe, a Bela Senhora.

*(Naquela cidade/capital de província, então tranqüila e sossegada, distante de tudo, com costumes atrasados*

vai dedicar esse esforço interminável, a sua vida? Pois era preciso, sim, absolutamente preciso que eles testemunhassem até o fim os seus sucessos, que a Mãe comprovasse o quanto se arranjara bem, sem a ajuda dela, que verificasse sempre, todos os dias, a cada minuto, como ela saiu de casa para travar uma batalha de homem e ganhou – assim a respeitanda, já que não pudera amá-la.

Mas está tonta e fraca, amolecida de dor – ah, estranhamente, como ela amava seus Pais! Prevendo que, se ficar mais um minuto, será derrotada, assim decide partir, não ficará para o enterro – sai apressadamente da capela (quem sabe todos vão comentar, mais uma vez, seu temperamento bizarro – tão parecida com o Pai), desce quase correndo a longa vereda ladeada de túmulos, cruza o portão do cemitério, caminha em direção ao seu enorme automóvel cinza-ão reluzente – polido, frio, incorruptível – abre a porta, entra, dirige em alta velocidade e nem sabe para onde vai, a Veloz Engenheira ao Volante recuperando sua álgida paz, a frieza, o vazio.

Pois o resto será, decerto, uma longa história de continuar e continuar, não lhe restando senão a certeza de que, estando os Pais mortos e ela, com isto, sozinha, cabe-lhe agora, simplesmente (e com uma humildade que sempre se recusou a aprender e não obstante lhe é imposta) – esperar a sua vez.

## OS VENENOS DE LUCRÉCIA

NEGRAS, COMO GRALHAS OU CORVOS, mas de asas muito longas – pertenceriam a alguma estranha espécie de gaivotas? – as Aves (pois versado sou em descobrir agúrios no seu vôo) vaticinaram o Encontro, seguindo em dupla formação para o Oriente sobre o mar da Cidade, que se tingia de púrpura e lilás ao entardecer.

Portanto, foi quase sem surpresa que me achei diante de Lucrécia, aquela mesma noite, sob o fulgor do lustre de cristal Bacará do salão da sua casa, pesadamente decorada em estilo Colonial, com grossas cortinas de bandôs bordados e o piso de longas tábuas enceradas.

Meu único conhecido na Cidade (eu acabava, justamente, de chegar, e ele tentava arranjar-me companhia e divertimento) descreveu a anfitriã, enquanto me conduzia em seu automóvel para o jantar de Lucrécia: “Uma bela Viúva, madura e rica, versada em Ocultismo e nas Artes Divinatórias”.

E bela era ela, embora excessiva, assim muito vestida em veludos e dourados, com as pálpebras cobertas de *köhl*, ligeiramente gorda, a boca carnuda e rasgada a desvendar uns dentes vorazes e os dedos de roxas unhas cintilantes exibindo anéis de pedras pontiagudas – ametistas, opalas e esmeraldas enfileiradas.

– Sim, acabo de chegar de Nova Orleans, foi a última cidade onde me demorei algumas semanas – eu dis-

se, movendo-nos ambos em direção ao sofá de brocado, no qual nos sentamos, entre santos barrocos, objetos antigos de prata lavrada e telas com figuras sacras de rostos estranhamente sensuais, a ostentarem como ornatos suas auréolas patinadas.

— Visitei o túmulo de Marie Laveau, no Cemitério nº 5. Foi quando vi surgir no olhar de Lucrecia aquele brilho (só mais tarde pensei não ser de atração e sim de Medo) que não se apagou nem um instante durante o jantar, servido em louça da Companhia das Índias sobre a longa mesa forrada de renda de bilro e iluminada por dois candelabros de latão polido.

Assim, não estranhei que me retivesse, enquanto se despediam todos os outros convidados, e — servindo-me espessos licores, numa salinha contígua, mais íntima, ao lado de uma vitrina com objetos de navegação renascentistas (bússolas, astrolábios, sextantes, portulanos), enfim me fizesse falar daquela que se tornou a Rainha do Vodou de Nova Orleans.

Marie Laveau, mulata livre, nascida em 1794, para alguns descendente da nobreza francesa, versão que, segundo outros, não passaria de uma tentativa desnecessária de glorificar ainda mais aquela que ganhou fama como possuidora de dotes mágicos quando, simples mulher do povo, abandonada pelo marido carpinteiro e trabalhando como cabeleireira, resolveu questões de amor, saúde e dinheiro para suas clientes.

Registro curioso é o que assinala a presença, em casa de Marie (já então profissional do Vodou), de uma monstruosa serpente enroscada numa caixa de alabastro, junto da qual se postavam, incansavelmente, um galo e um gato preto.

Era a Dã ou Dangbi dos negros jejes, levados como escravos do Daomé para Nova Orleans, a mesma Oxumaré, ou o arco-íris, como a vêem, em bizarria simbiose, os iorubás, estes predominantes na Cidade, para a qual foram transportados da Nigéria.

(É como se eu tivesse esquecido de tudo e precisasse, para recompor minha identidade, relembrar cada detalhe.

Mas, à medida que se desdobra o relato, reescrito vezes sem conta ao sabor das iluminações da memória, vou sendo dominado por intenso mal-estar.

Sim, pois começo a descobrir — um crime foi cometido. E uma penosa atmosfera de culpa passa a envolver as recordações, misturada com um senso de Beleza Proibida.)

— E a Senhora é capaz, como me disseram, de prever o Destino?

— Todos conhecemos nosso destino. — Ela sorriu, quase com tristeza. — Só que o esquecemos. Mas ele permanece registrado no fundo da mente de cada um, no Inconsciente. Basta usar os meios adequados para nos ajudar a lembrar.

— E que meios serão esses?

— Inúmeros — os livros oraculares, o baralho Tarô, a bola de cristal. Para mim, também aquele antiquíssimo, empregado pelos arúspices já na antiga Babilônia — o exame das entranhas de animais sacrificados.

Noite avançada, ao entrar no automóvel de Lucrecia, conduzido pelo motorista negro que me levaria de volta ao hotel, a salvo de uma repentina tempestade

(Xangô e Iansã dardjavam seus raios através do céu imenso), ouvi o som surdo do rum, do rumpi e do lé, que convocavam os orixás para as Primeiras festas do Verão.

E os atabaques sagrados bateram ainda em noites subseqüentes, durante um período que não consigo precisar, nas quais me habituei a divertir os convidados de Lucrécia com meus relatos de viagens.

Marrakesh, Kabul, Benares, assim eu longamente lhes falava, misturando realidade e fantasia – o quê, de bom grado, me perdoavam, pois eu os ajudava a espanhar o tédio infinito daquela existência abastada e demasiado agradável, numa Cidade conservando ainda, apesar da incipiente industrialização e de um surto imobiliário ameaçando desfigurá-la, aquela atmosfera distante e misteriosa, um sentido onipresente de Afastamento de Tudo.

Portanto, não me fizeram novas perguntas quando, ao tentarem descobrir do que eu me ocupava e o motivo para tantas viagens, muito à vontade respondi (apoiado no meu físico, pois em tudo me pareço – com esta pele curta de sol e os olhos muito azuis – com um antigo marinheiro) que sou oficial aposentado do exército britânico, com uma longa folha de serviços prestados na Índia.

Ao cabo de algum tempo, entretanto (um mês? dois meses?), comecei a perceber que minha vivacidade costumeira ao falar se entorpecia, dominava-me uma espécie de lassidão, na qual os meus interlocutores pareciam curiosamente não reparar, como se já estivessem habituados a exemplos anteriores do fenômeno (a memória me trai ou terei ouvido, certa feita, um daqueles

convidados comentar que o mesmo acontecera com “todos os maridos de Lucrécia”?).

Certo foi que cresceu meu abatimento, logo acenado por uma febre – estaria eu intoxicado por estranhos filtros? Seriam os anéis de Lucrécia capazes – como os de uma verdadeira Bórgia – de se abrir e despejar, dentro dos seus licores, misteriosos pós, guardados em caixinhas sob as pedras?

Mas os sinais de perturbação apresentados pela própria Lucrécia, fundas olheiras a lhe marcarem o rosto, um tremor nas mãos, pareciam desmentir aquelas suspeitas fantasiosas.

O mais lógico seria atribuir, pelo menos no meu caso, os esquisitos sintomas ao clima, às características da Cidade, aos quais não estava acostumado.

Aquela constante brisa do mar sobre as intermináveis areias das longas praias desertas onde, há milênios e sempre iguais, as vagas rebentavam; e os crepúsculos exageradamente belos, parecendo condenar quem os observava à inércia e ao imobilismo.

Seja como for, eu não me dispunha, como já deveria ter feito, a pedir a conta do hotel, telefonar para a companhia aérea, marcar a passagem, retomar, enfim, o contato interrompido com os parentes distantes (até mesmo aquele único conhecido na Cidade eu já não encontrava mais).

Em vez disso, concentrava todo meu interesse no relacionamento com Lucrécia, que ganhava já matizes insólitos, penetrado por uma espécie de expectativa mútua, um rancor velado, um sentimento que era um misto de fascínio e repulsa, a marcha para um desfecho qualquer, de que tipo eu não sabia.

Mas me pareceu entrever, certa noite, nós dois a sós na salinha *fumoir*, bebericando um licor cujo paladar me parecia particularmente alterado, demasiado espesso, quando Lucrécia – depois de várias vezes aproximar-se de mim, os lábios entreatos e úmidos revelando caninos pontiagudos, a mirar fixamente o meu pescoço e espalhando em torno seus malévolos perfumes (almíscar, âmbar, substâncias misturadas em caldeirão e provetas de alquimista) – sentou-se na cadeira frente a mim e começou (jamais saberei ao certo se enxergava bem ou se fui dominado pela embriaguez e pela febre) a levantar lentamente a saia comprida.

Vi as meias negras e rendadas de Lucrécia, com desenhos muito marcados contra a pele branquíssima, vi as gordas coxas comprimidas pelas ligas rufadas de negro organdi, com um pequeno broche de brilhantes de cada lado, vi, afinal (erguida a saia de uma vez, num gesto brusco) – o sexo de Lucrécia assim a descoberto, os vermelhos lábios da aranha, a Viúva Negra.

Num abrir e fechar de olhos (reforçando a impressão de que eu devia estar embriagado ou louco) a cena se desfez.

Lucrécia discorria agora – caminhando muito ágil pela salinha, com meneios giratórios dos panos de sua saia – sobre a divindade iorubana Ifá, a quem o sacerdote ou Babalaô consultava para saber o Destino dos seus consulentes, fosse através do lançamento de nozes, búzios ou de uma espécie de colar/rosário, o Opelê-Ifá, feito com um ou com outro material.

Assim ele obtnha, explicou Lucrécia, uma série de tra-sinais semelhantes aos hexagramas do I Ching, que tra-

çava sobre a poeira propositadamente deixada assentar sobre sua bandeja de madeira lavrada, formando então figuras que correspondiam, como no jogo chinês, a textos oraculares.

Através desses textos – ou odus – embora de maneira enigmática, a palavra de Ifá é enunciada.

Fumando, com sua longa piteira negra, Lucrécia me explicou ainda que a prática se simplificou na Cidade depois da morte do último Babalaô, Martiniano de Bonfim.

Perdeu então a complexidade de que se revestia na Nigéria, em especial na Cidade de Ifé.

Sim, Ifé, ela destacou, o centro espiritual dos iorubás, cujas origens culturais remontariam, para alguns, aos etruscos, possivelmente chegados à África Ocidental através do perdido continente da Atlântida.

Ou, segundo outros, ao Egipto ou, ainda, aos antigos reinos de Meroe, no Sudão Ocidental, existindo também quem acredite ser o povo africano uma das dez tribos dispersas de Israel.

Hoje, aqui, disse ela, quem faz o jogo de Ifá são mães-de-santo, nos terreiros de candomblé.

Aquela noite, não consegui dormir. O termômetro que pedi na portaria do hotel marcou 39 graus de febre e nem mesmo duas aspirinas fizeram a temperatura descer dos 38.

Pela manhã, banhado de suor frio, fiquei imaginando, com crescente perplexidade, que torpor era aquele, dominando-me a tal ponto que me impedia até de chamar um médico.

Logo tive certeza, aterrorizado, de que aquilo estava acima da minha vontade, eu não tomaria nenhuma providência e, como se nada estivesse acontecendo, voltaria, naquela mesma noite e nas seguintes, à casa de Lucrécia — ali onde decerto se encontravam, no final de labirínticos corredores, no vértice onde tempo e espaço se confundem, um Salão dos Espelhos e uma Câmara de Torturas, as Portas do Inferno, talvez, guardadas pelo Cão de Três Cabeças, o mesmo Cérbero cuja imagem (em preciosa reprodução de gravura medieval) ornava, precisamente, uma das paredes da sala dos licores.

Fui encontrar Lucrécia surpreendentemente humilde, daquela vez, como se pressentisse o que se passava em minha mente — vestida de algodão cinzento, sem nenhuma maquiagem, os olhos vermelhos de quem acabou de chorar.

Ah, era uma simples mulherzinha, afinal, nada havia a temer de sua parte! E ela me contou que tinha sido uma menina magra e solitária, cheia de carência afetiva, precisando refugiar-se em seus sonhos/esperanças para escapar a uma realidade demasiado penosa, os pais não gostavam dela!

E sofrera um Trauma Sexual Infantil e seu avô era louco e o pai passara também por um longo período de doença mental e depois seus maridos morreram!

Então ficou sozinha, absolutamente sozinha, e acordava no meio da noite, de repente, e sabia que sonhara, mas não lembrava mais do sonho, só sobrava aquele mal-estar, e telefonava para um desconhecido qualquer, assim no meio da noite, discando os números ao acaso e se arriscando a ouvir, o que já acontecera em diversas

ocasiões, injúrias e xingamentos, não obstante preferindo ouvir uma voz humana a ficar isolada e morrendo de medo do escuro, e certa vez até faltou luz e não havia nenhuma vela na casa e ela dera folga aos empregados e chovia muito forte e ela ficou escutando os trovões, enquanto a noite custava interminavelmente a passar.

Sem sentir, eu me aproximava cada vez mais de Lucrécia, já estendia os braços, ia abraçá-la, quando parei, com um calafrio — ah, ela era tão parecida com minha mãe, já morta!

Pela qual eu sentira (meu espírito voltou a se turvar) aquela atração excessiva, preferindo sempre sua companhia à das meninas da minha idade e dominado por uma obsessão incontrolável (até hoje tenho uma sensação de pecado em relação às mulheres) de espíá-la pelos buracos de fechaduras — e então despertei, tive um brusco movimento de recuo, parti, deixando Lucrécia no meio de uma frase.

Fui eu quem matou Lucrécia.

Aconteceu uma semana depois, quando ela estava no auge dos seus encantos, o mais novo traje renascentista em veludo lavrado, os cabelos em coques de finas tranças, qual dama da burguesia italiana em ascensão retratada por Piero Della Francesca.

Assim deixei que se aproximasse, assim abri cuidadosamente os três botões do seu decote (senti como ela tremia, prestes a desferir o grito de vitória), assim retirei rapidamente da bacia marchetada o meu punhal de Toledo — a água bifronte sorriu sobre o cabo de madrepérola — assim enterrei a fina lâmina temperada

sob o seio esquerdo de Lucrecia, logo acima da sexta costela.

Aqui em Granada, Espanha (da janela do meu hotel descortino o Alhambra e, esta manhã, passei pelos jardins do Generalife), divido-me entre a observação da vida dos ciganos (costumo frequentar o Albaicin) e a leitura de uma biografia de Isobel Gowdie, moça ruiva casada com um fazendeiro do Auldearne, perto de Morayshire, que no ano da graça de 1662 apresentou-se às autoridades religiosas locais e confessou a prática da bruxaria, incluindo participação em *sabbaths* nos quais se reuniam 13 feiticeiras nuas e mantinham relações carnavais com demónios de diversos tipos (seu espermatozoide era frio feito gelo).

O resto do meu tempo ocupo em tentar reconstituir os detalhes das minhas experiências na Cidade, que uma curiosa e incômoda amnésia (talvez de natureza traumática) continua a obscurecer.

Ontem à noite, tive a impressão de lembrar que subi ao segundo piso da casa de Lucrecia (não sei se antes ou depois de matá-la) e lá encontrei, abertos e enfileirados, seis esquifes com os cadáveres dos seus ex-maridos, existindo ainda um sétimo caixão, vazio. (Em favor da atração dela por mim, devo dizer que era o mais requintado, todo em jacarandá e com incrustações de prata.)

Esta madrugada, acordei de repente no meio de um sonho em que me via despindo Lucrecia, já morta, em busca da Marca das Bruxas, logo encontrada em sua nádega direita.

Também me parece tê-la esquarterado em seguida, colocando cada pedaço do seu corpo num recanto diferente da Cidade. (O sexo foi lançado à Lagoa do Abaeté, em cujo fundo lodoso deve estar ainda enterrado.)

Outra visão, quando já voltava a adormecer, foi a do seu casarão em chamas, na noite do assassinato, enquanto eu me afastava de lá.

Há poucos minutos, tive uma nova proliferação de lembranças – sim, Lucrecia praticava a falcoaria, seu falcão era negro e dormia no quarto dela, com os olhinhos vendados.

As vezes, crocitava muito baixo, como um corvo triste, e houve quem o escutasse recitar, certo fim de tarde, decerto nostálgico dos torrões de certo castelo em Valência, terra de origem da família Bórgia, os conhecidos versos de Poe: “*Never more, never more*”.

Recordei ainda que Lucrecia tinha dez cabeças: a lindíssima, com uma longa cabeleira formada por serpentes, como a Medusa (quem a fitasse se transformaria em pedra), a feia, a muito feia, a jovem e a velha, e a Indefinível.

Quanto às suas pernas, eram inumeráveis e uma delas, separada do corpo, percorre incansavelmente a trilha dos mochileiros, na Ásia Central. Pois Lucrecia era a Floresta Amazônica.

Portanto, pouco importa que, em resposta a uma carta, aquele meu conhecido na Cidade declarasse não ter conhecido jamais uma viúva como a descrita por mim, e muito menos me levado à casa dela – embora acreditasse ter escutado uma lenda, quando ainda menino, contada por sua babá negra, a respeito de uma certa Lucrecia que se dedicava à bruxaria.

Tampouco me preocupei com o fato de os jornais da época – cujas cópias xerográficas me foram enviadas a pedido pelo correio – não se referissem nem de passagem ao assassinato ou desaparecimento, numa casa em chamas, de uma rica dama (descendente, segundo ela me contou, de Diogo Álvares, apelidado “o Caramuru”, por ter surgido das águas, todo sujo de limo, como um peixe, entre os destroços de um navio francês naufragado e cujos filhos, nascidos do seu casamento com uma índia batizada na Europa, Paraguacu, deram origem às primeiras famílias da Cidade).

Em vez disso, encontrei farto noticiário sobre uma estranha febre epidêmica que provocava alucinações em seus portadores.

Mas trago sempre junto de mim a prova irrefutável da existência de Lucrécia – sua calcinha de cetim vermelho (visivelmente importada de Copenhague, do tipo apreciado pelos marinheiros e vendido em pequenas lojas especializadas) e uma liga de negro organdi rufado, preciosas peças que ponho no bolso do casaco, ao sair, ou debaixo do travesseiro, quando vou dormir.

Pressinto, entretanto, que as imagens de Lucrécia ficarão cada vez menos nítidas, substituídas, quem sabe, por outras – da Cidade onde ela viveu e cujo encanto entrou no meu sangue, como um filtro.

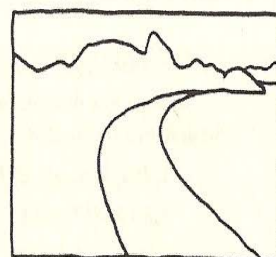
A Cidade e seus venenos, que agora revejo/rememoro: a descoberta, por uma expedição pilotada por Américo Vespúcio, os índios moradores da terra (tupinambás, tupiniquins, aimorés, guetés, parachós etc), os negros trazidos para trabalhar nos engenhos de açúcar, o ataque do pirata inglês Cavendish e o da esquadra holandesa comandada por Willekens.


A Cidade com o “rosto voltado para o poente”, no dizer de um dos seus primeiros cronistas, Gabriel Soares e cujo nome (pois lá voltarei, decerto – não retorna sempre o criminoso ao local do seu crime? – quando as Negras Aves, num augúrio, voarem em dupla formação para o Oriente) ousou afinal pronunciar agora, muito baixinho, cheio de uma ternura doente: Salvador, Salvador da Bahia.



Sonia Coutinho

O último verão  
de Copacabana



 coleção rocinante

TODA LANA TURNER  
TEM SEU JOHNNY STOMPANATO

O MATERIAL DESTA HISTÓRIA: BASICAMENTE, duas mulheres. Capazes, no entanto, de se multiplicarem infinitamente. São Lana Turner e uma outra, que se apresenta sem nome, sem rosto e sem biografia, a não ser dados fragmentários, vagas insinuações. Alguém que talvez nem seja uma mulher, mas sim um espelho, embora fosco. Ou um ventríloquo, que fala apenas através da imagem da atriz, o seu boneco. Não se enganem, porém: o único personagem verdadeiro, o ponto de referência para se poder entrançar os fios díspares desta trama, formando um tapete, a tela em branco que serve para o desdobramento ilimitado do sonho, portanto da realidade, este personagem sou eu. Em outras palavras, Lana Turner.

(Lana, uma das primeiras grandes estrelas, quando surgia o *star-system* de Hollywood; sem nenhuma tradição ou modelo a serem seguidos, uma figura de ruptura na sociedade americana da época, com um papel ou um poder “de homem”. Lana para além da própria Lana, o símbolo que ela foi, o mito que se criou em torno dela: deusa ou demônio, a *vamp* e seu *it*. O que de Lana foi apresentado para o consumo de milhares de pessoas desejosas de entrever — fosse para idolatrar, destruir ou devorar — os bastidores de uma “vida glamourosa”; em grande estilo, a “felicidade” e a “dor”.)

Pois Lana Turner, como Madame Bovary para Flaubert, Lana Turner *c'est moi*. Foi o que também pensou a segunda mulher, a outra, o espelho. (Chama-se Melissa? Ou será Teresa? Quem sabe Joaquina? Dorotéia?) Folheava uma revista, na

varadinha de seu apartamento, quando encontrou, com um repentino susto de reconhecimento, com uma estranha e cúmplice compreensão (ela, independente, mitificada, distorcida), o retrato não muito antigo de Lana, numa reportagem nostálgica sobre grandes estrelas do passado.

Sim, aqui estão a pele muito bronzada pelo sol das piscinas de Beverly Hills — ou das praias da Zona Sul — as unhas vermelhas e compridas, o cabelo platinado e, no rosto, vestígios de beleza e as marcas do tempo.

Mas, sobretudo, o sorriso de Lana, o seu sorriso de atriz, quase um esgar. Um sorriso em que se misturam ironia e dor e desafio e força e patética impotência, o sorriso heróico de uma sobrevivente. De criatura disposta, talvez por não haver outro jeito, a levar o espetáculo até o fim: *the show must go on*. (Do que é feita uma vida humana senão de pequenos ritos, cerimônias e celebrações?)

Numa nevoenta tarde de sábado, a observar esgarçadas nuvens que se despejam sobre as encostas arborizadas do Covado, defronte, Melissa revê — eu revejo — numa vertigem de cenas históricas, o parentesco e as diferenças entre ela e Lana Turner; a partir da colonização americana por puritanos anglosaxões e da vinda para o Brasil de portugueses degredados, com sangue mouro.

Como ponte entre dois hemisférios, ligando misteriosamente Hollywood, a Califórnia do antigo *boom* de ouro, ao ouro mineiro que os inconfidentes reivindicaram, sorri enigmático na revista (e na vida) o rosto de Lana Turner (o de Melissa, o meu).

A reportagem lembra a trajetória gloriosa e sofrida da atriz, seus vários maridos, uma carreira movimentada (psicóloga? publicitária? jornalista? atriz mesmo?) e muitas viagens, incluindo umas férias no Havaí, em companhia de uma amiga. Mais precisamente, em Honolulu, na praia de Waikiki, onde se des-

cobriu grávida do segundo marido, o trompetista Artie Shaw, já depois de estarem separados. "O que resultou num aborto e em novas infelicidades", acrescenta a matéria, baseada no livro autobiográfico *Lana, the lady, the legend, the future*.

O jornalista explica que, já no primeiro casamento, com o advogado Greg Bauzer, ela não sentiu nenhum prazer, ao "perder a virgindade". Ele cita palavras de Lana: "Eu não tinha idéia de como devia agir. O ato em si doeu como diabo e devo confessar que não senti nenhum tipo de prazer. Mas gostava de ter Greg perto de mim e 'pertencer' a ele, afinal."

Foi no Hotel Toriba, em Campos do Jordão, lembra Melissa. E retifica a reportagem: não chegou sequer a perder a virgindade naquela lua-de-mel, os dois tão desajeitados. Dor sentiu, confirma: teria um estreitamento vaginal? um hímen demasiado resistente? Mas não se falava dessas coisas, naquele tempo, e então tudo foi se ajeitando, ou se destruindo, em silêncio.

Lana, garante o repórter, só atingiu a maturidade sexual por volta dos 40 anos, ao cabo de um aprendizado com um total de cerca de 18 homens — o que, ele acrescenta, já parece um número modesto, para os padrões atuais. A conclusão foi tirada, explica, a partir de indicações implícitas, porque o assunto não era abordado diretamente.

A matéria adianta que as dificuldades emocionais de Lana resultaram, provavelmente, de uma sucessão de traumas infantis. "Quando tinha dez anos, seu pai foi assassinado num beco escuro." Segue-se a declaração da atriz: "Quando o vi no caixão, fiquei horrorizada." Trauma, caixão, pai, vai lendo Melissa, com um calafrio. Mais que o encadeamento dos fatos expostos, são as palavras da reportagem que estabelecem a estranha conexão entre ela e Lana Turner, como um código a ser decifrado.

A impressão se acentua no parágrafo seguinte, uma transcrição de "ficha psicológica" de Lana Turner mantida pelo estú-

dio: "Julia Jean Mildred Frances Turner, nascida em 8 de fevereiro de 1920. Confusa, desprotegida. Insegura desde a infância, quando atravessou períodos de opressão física, mental e moral, pelos quais procurou compensação na vida adulta. Sua afetividade, uma sucessão de tentativas frustradas de estabilização. A filha, Cheryl, carregou a mãe como uma carga emocional negativa."

*Confusa. Desprotegida.* E, embora o ano fosse outro, a data de nascimento era a mesma. Como se existisse, embaixo da história de Lana Turner, uma outra, paralela, embutida — a sua, a minha. Estará Melissa/estarei eu enlouquecendo? Teremos escolhido, em nossa paranóia, em vez do habitual Napoleão Bonaparte, Lana Turner como alter-ego?

Melissa (Érica?) corre ao banheiro, perscruta no espelho, com renovada perplexidade, o próprio rosto. Ela, Lana Turner. Mas não propriamente uma atriz, mais para trapezista ou bailarina da corda bamba. Sorri para ela, no espelho, um rosto sem nenhuma inocência, mas ao qual o tempo conferiu um toque de pureza cínica.

Até onde posso ir, até onde irei, questiona-se Melissa, estremeando. Porque os anos tinham passado, como um vento frio. E, entre maridos, viagens, uma carreira movimentada, tragédias — ah, tantas coisas se haviam tornado, de repente, definitivas. Amores perdidos, aventuras não vividas e, o que é pior, não mais desejadas.

De volta à cadeira de lona da varanda, bebericando um uísque, Melissa (Dora?) lê na reportagem, logo adiante, um confortador comentário de Lana: "Não tive uma vida fácil mas, sem dúvida, minha vida está longe de ter sido chata. Sinto um certo orgulho de ter conseguido chegar até aqui."

O que não a impediu, certa vez, como conta o repórter, de tentar o suicídio, cortando os pulsos (Melissa vira as palmas das mãos para cima, observa as cicatrizes ainda rosadas). Ao sair

do hospital, já recuperada, "ela parecia uma vestal, toda vestida de branco, sorrindo, os inefáveis olhos escuros ajudando a lhe encobrir o rosto". Acrescenta a matéria: "Via-se, imediatamente, que era uma estrela. Tinha o que chamamos de *star-quality*."

Logo depois, vem a "versão verdadeira" da descoberta de Lana Turner. Ao contrário do que as revistas da época publicaram, afirma o jornalista, o fato não aconteceu no Schwab's, a lançonet, em Hollywood Boulevard, freqüentada pelas moças que queriam atranjar papéis em filmes. A própria Lana explica: "Foi num lugar chamado Top Hat Café — acho que hoje é um posto de gasolina. E eu não estava tomando refresco coisa nenhuma. Meu dinheiro só dava para uma Coca-Cola."

Mas ela confirma que, como foi divulgado, o sujeito ao lado fez a clássica pergunta: "Você gostaria de trabalhar no cinema?" E ela deu a resposta clássica; "Não sei, preciso perguntar a mamãe."

A etapa seguinte foi a escolha de um nome artístico. Havia no estúdio, conta a matéria, um catálogo já preparado, e alguém começou a dizer todos em voz alta. De repente, a própria atriz sugeriu Lana: "Não sei de onde tirei. Mas repare que é Lah-nah, não quero ouvir meu nome pronunciado de outra maneira." Em 1937, ela faria *Esqueter, nuzza* e, no ano seguinte, ingressava na Metro, onde se tornou conhecida como "a garota do suéter".

Uma série de sucessos, rosas e champagne em turbilhão. Mas o destaque da reportagem é para o trágico episódio com Johnny Stompanato, já na véspera de Lana perder a efêmera frescura do tempo em que as mulheres são comparadas com flores (quando ganharia, como prêmio, a dura máscara da fotografia, a da guerreira sobrevivente, marcas no rosto como gloriosas cicatrizes de combate). Certo dia, "um sujeito dizendo chamar-se John Steele telefonou para o estúdio fazendo a corte a Miss Turner".

Ela o achou encantador, diz o jornalista, e acabou se envolvendo. "Quando descobri sua verdadeira identidade", comentaria Lana, depois, "já era muito tarde". Johnny Stompanato (ou Renato Medeiros) era branco como um pão, limpo como um pão, com aquela pureza que só conseguiria ter um jovem mafioso procurado pela polícia.

(Na cama, como um cavallinho branco, o corpo perfeito de um rapaz de 28 ou 29 anos, dentes brancos, olhos castanhos matizados de verde, mas quase sempre escuros, algo taciturnos. Deliciosamente sério, com um senso permanente de dever a cumprir. Não fala, a não ser uma ou outra palavra — é indecifrável. Mas talvez seu permanente mistério seja, simplesmente, o da própria vida, e seu absurdo.)

Um homem inteiro e lindo como um cavallinho branco correndo na praia, ao entardecer. Intacto e cheio de pureza, como a juventude é pura, ele nu, aquele corpo inteiro e forte e grande e puro, ele assim em cima dela, grande e inteiro, ele entrando nela, ela pedindo: Melissa, Lana, diga alguma coisa para mim, enquanto ela só gemia e gritava, gemia e gritava, agora falando: amor, amor, amor. E logo está toda inundada do líquido dele, com um cheiro vagamente vegetal de capim molhado ou palmito.

*Isso vai me bastar para sempre, não vou precisar de mais nada, nunca, penso, quando ele saiu, batendo a porta da frente com um ruído que ela escutou da cama. Era uma manhã nevocenta através das portas de vidro do seu apartamento, que davam para varanatinhas, lá fora, e nuvens esgarçadas se despejavam sobre o maciço de árvores nas encostas do Corcovado, de frente. Diria, depois, quando ele telefonou: sai dançando aquela manhã, querido. Como se tivesse, afinal, alcançado a eternidade, precisava morrer de repente num momento assim.*

A matéria garante que, para Lana, começou um "terrível drama psicológico", enquanto "tentava livrar-se do gangster", ao passo que ele, "utilizando todos os artifícios", recusava-se a sair de cena.

Quando ela foi para a Inglaterra, conta o repórter, a fim de filmar *Another time, another place* (*Vítima de uma paixão*) pensou que estava livre de Johnny, pelo menos por alguns meses. Mas ele conseguiu enganar as autoridades americanas e, de repente, apareceu em Londres. Lana procurou a Scotland Yard e Stompanato foi deportado.

Concluídas as filmagens, ela decidiu tirar umas férias em Acapulco, sem avisar a ninguém. "Naquela época", diz Lana, "o trajeto mais direto entre Londres e Acapulco era via Copenhague. Cheguei de madrugada à Dinamarca. Alguns passageiros desceram do avião, outros subiram. Um jovem me entregou uma rosa amarela. Peguei a flor e, de repente, vi um rosto a meu lado: era John. Jamais descobri como ele conseguiu chegar ali, sem que eu o visse, e como conseguiu uma passagem no mesmo avião que eu, no assento ao lado. Mas ele estava ali."

As brigas entre os dois eram terríveis, lembra o repórter. Melissa tentava evitar que Patrícia, a filha de 14 anos, escutasse — mas nem sempre conseguia. Um dia, a porta do quarto estava aberta e a menina pensou que ele fosse cumprir a ameaça constante — a de navalhar o rosto de sua mãe. Correu à cozinha, pegou uma grande faca e a enfoucou no corpo do rapaz. As últimas palavras dele foram: "O que você fez?" E a próxima etapa seria a luta nos tribunais, quando Melissa fez a pergunta desesperada: "Não poderei tomar a mim a responsabilidade por toda essa tragédia?"

A imprensa, no entanto, publicou outras versões para o crime. Uma delas era a de que Cheryl estaria apaixonada por Johnny e os dois chegaram a fazer amor; ela o matou quando descobriu que ele voltara para sua mãe. Mas Lana, tempos de-

pois, prestaria uma última homenagem a Stompanato: "Ele me cortejou como ninguém", declarou. (Foi a um homem a quem uma mulher permite que lhe dê o maior prazer, ela peidoa tudo.)

Depois que Cheryl foi absolvida, Lana passou a contar com a companhia de velhos amigos, aqueles para quem ela representava um testemunho vivo de grandes momentos da masculinidade de cada um. Foi quando pensou que, numa outra etapa, talvez não tão distante assim, precisaria da bondade das pessoas, qualidade que ela própria, provavelmente, jamais tivera assim tão disponível para oferecer a ninguém.

Começou a se esforçar para ser mais simpática. Agora, seus maus humores já não seriam mais compensados pela beleza fulgurante, a paixão, a juventude, enfim. Coisas assim muito intensas que a passagem do tempo ia fatalmente apagando, tudo se abrandava em tons pastéis, esfumados, como a parte superior (as nuvens) de uma estampa japonesa.

Acentuou, então, como um disfarce, uma frivolidade teatral que, se bem reparada, era "profunda". Talvez a coisa mais profunda que lhe acontecera na vida, o seu sorriso-eggar. O símbolo, quem sabe, dessa conquista que ninguém almeja, a sabedoria da meia-idade, mas que pode tornar-se, um dia, aquilo que nos resta e nos mantém vivos.

Continuava, contudo, a telefonar com frequência para um conhecido ou outro, no meio da noite, à espera de uma migalha qualquer de ternura: ou, simplesmente, para tentar expressar alguma coisa aparentemente inexplicável porque se reduzia, no último momento, a um punhado de pó, frases banais em que primava a insistência no *eu, eu, eu*.

Era parco: pensando bem, o resultado daquele último esforço para continuar agradando os homens, um imenso e praticamente inútil investimento de habilidade e emoção. A qual-quer momento, concluiu, desistirá por completo, vai ficar sozi-

na em casa vendo antigos filmes em seu videocassete e cozinhando para si mesma.

Ou se perderá em longas e nostálgicas meditações, na cadeira de lona da varandinha de seu apartamento/de sua mansão. Sim, conheço o agriçoce sabor de solidão de Lana Turner, sua crespa mordida num sábado à tarde como este — quando, afastada dos estúdios, definitivamente divorciada, ela bebericava seu uísque a observar as nuvens esgarçadas que se despejavam sobre o mácio de árvores nas encostas de Beverly Hills, de frente.

(Mais que uma história, menos que uma história. Um clima. Como uma imagem apenas entrevista, anos atrás, e, de repente lembrada. O repentino claro-escuro que se formou, certo fim de tarde, num rosto de mulher, deixando-o — apenas por um segundo, todo crestado de dourada poeira.)

Lana ou Melissa (Sílvia? Selma? Ingrid? Laura?), uma mulher que eu queria contar em várias versões, como nas Mil e Uma Noites. Inumerável, protéica, com alguma coisa de hidra — da qual, cortada uma das cabeças, outras renascessem no mesmo lugar. E cuja realidade, sigilosa, secreta, com um sentido oculto, estivesse permanentemente sujeita a novas interpretações, enigma que só se pode decifrar parcialmente, a partir de algumas palavras significativas como símbolos ou de ilações de episódios e situações deliberadamente destacados, no texto, com a mesma técnica com que, numa matéria jornalística, o redator faz a escolha, jamais inocente, do que vai para o *lead* ou para o pé.

Lana para além da própria Lana, inesgotável; Lana, por assim dizer, *o nosso tempo*. Ou uma metáfora intemporal de amor e perdição — Safo, George Sand, Electra. E, ainda, Lana como um simples capricho dessa outra mulher, cujo rosto não passa de um espelho, embora fosco — do meu. Todas, no entanto, capazes de se multiplicarem infinitamente.

Antes de fechar para sempre a revista com a reportagem sobre grandes estrelas do passado — permitindo que Lana (que

Melissa, que eu) continue (continuemos) a sua (a nossa) dolorida, sorridente e solitária trajetória (para onde? para onde?), cujo significado, para além dessas imagens glamourosas e das palavras de sentido misteriosamente duplo desisto de captar, lanço um último olhar para a fotografia de Lana Turner — com o melhor matiz da minha ironia, um delicioso e amargo *private joke*.

Um pouco triste, concluo agora que não era, na verdade, sobre Lana Turner que eu queria escrever, mas sim sobre a Zona Sul do Rio de Janeiro. Assim todo em azul, amarelo e verde, enquanto nuvens esgarçadas se despejam, de frente, sobre o maciço de árvores nas encostas do Corcovado e o tempo passa.

## JOSETE SE MATOU

VOU AO ARMÁRIO DA COZINHA, mêm sirvo de outro uísque. Ponho um disco de Billie Holiday na radiola, me estendo no sofá. E acendo um cigarro mentolado. Estou muito cansado. Hoje, fiquei na redação até quase meia-noite, embora seja domingo. Mas, perto da hora de fechar o jornal, me caiu nas mãos uma matéria muito malfesta, de umas 12 laudas. Sequiestraram e mataram cinco pessoas, na Pavuna e em Nova Iguaçu. Um casal foi queimado dentro de um Opala branco — algemados. As fotos davam vontade de vomitar. Um sujeito, Carlinhos Neguinho, sobreviveu à matança e, como um primo seu tinha morrido, resolver contar tudo.

Tive de refazer a matéria, numa máquina velha. A cabeça do carrinho caiu e as teclas se soltavam, enquanto o chefe de redação me olhava furioso — eu estava atrasando o fechamento. Suei o corpo inteiro e, na hora de sair, precisava encontrar alguém. Telefonei para Carla, mas ela não topou, acabei vindo direto para casa.

Para este apartamento deserto e sujo onde, há uns 15 minutos, o telefone tocou. Era Cigarrinho, continuo lá da redação, para me dar a notícia — a nuiva Josete tinha acabado de morrer. Há uma semana agonizava na UTI do Hospital Miguel Couto, depois de uma tentativa de suicídio com Diempax e gás. Tomou as píbulas e enfiou a cabeça no forno, com o bico do fogão aberto, em seu solitário apartamentinho no Posto Seis.

Me estiro agora no sofá, apóio a dolorida cabeça numa almofada — e vejo, de relance, várias imagens de Josete. Seus *jeans* desbotados, os coletes indianos, a bolsa de camurça com